

O CORPO POLIFÔNICO

Edvaldo Souza Couto*

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem. Ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

No final de abril, a imprensa divulgou que o pajé Sapaim, da tribo Camaiurá, do Alto do Xingu (MT), submeteu-se, no Rio de Janeiro, a uma cirurgia plástica de rejuvenescimento. A cirurgia foi feita para retirar duas bolsas de gordura abaixo dos olhos. Sapaim tem sete filhos, três netos e não sabe qual a sua idade exata. Declarou que tinha vontade de “renovar o rosto” para ficar mais novo e mais bonito para a sua tribo: “Índio gosta de andar sempre bonito, enfeitado e pintado, principalmente os homens, porque as mulheres só se pintam quanto têm festa. Eu estava me achando feio. Queria ficar bonito de novo”.¹

As relações deste acontecimento com as pesquisas realizadas por Denise Sant'Anna foram imediatas. Desde os anos 80, Denise estuda e escreve sobre o embelezamento e as transformações do corpo, demonstrando que as formas de problematizar a aparência, os modos de conceber e de produzir o embelezamento não cessam de ser modificados. Da medicina ao esporte, passando pela higiene e pela publicidade, o corpo está no centro do debate contemporâneo. Mas o que o coloca no centro dos debates interdisciplinares não é o fato de que ele está na moda, mas a urgência em problematizá-lo. Tal urgência manifesta-se diante de sua extrema sensibilidade às variabilidades discursivas e conceituais, por meio das quais o corpo se transforma na razão direta da fugacidade dos discursos que em torno dele gravitam. O corpo exige múltiplos sentidos, olhares, teorias, interações de saberes.

O mais recente livro de Denise Sant'Anna, *Corpos de passagem*, reúne ensaios escritos ao longo da década de 1990 e registra parte das suas reflexões sobre a atual valorização do corpo, acompanhada por sua intensa exploração comercial. O corpo é o mais desejável objeto de consumo. Construí-lo por meio de intervenções tecnocientíficas, exibi-lo ininterruptamente, em todo lugar, converteu-se numa condição da sua própria existência.

A pesquisadora enfatiza que o corpo foi transformado num território privilegiado de experimentações sensíveis, sendo revirado pelo avesso, minuciosamente perscrutado em seu exterior, mas, sobretudo, em seu interior, onde é recortado, fragmentado, transplantado e implantado em outros corpos, ou transformado em receptáculo de múltiplos objetos, próteses e equipamentos de comunicação. O corpo atravessa todos os discursos, mas não se dissolve. Parece guardar a possibilidade de ser um território de preservação do humano, o lugar de insondáveis mistérios ainda a serem investigados e desvendados, pois as técnicas utilizadas para o aperfeiçoamento corporal, os progressos conquistados são acompanhados de novas incertezas, impotências e riscos. Não é por acaso que Denise se interessa tanto por uma ética dos corpos.

Nos múltiplos esforços para desvendar os mistérios, as representações, os discursos, é a própria corporalidade que passa a fazer parte da ordem do efêmero, da superfície, do imagético. A metamorfose é contínua. A autora revela como o corpo contemporâneo vem perdendo densidade e profundidade para ser mais etéreo e superficial. Diante das técnicas crescentemente popularizadas para visualizarmos o interior, a espessura do corpo passou a ser a da película que suporta a sua imagem.

Em nome da transparência generalizada, é preciso não apenas ver o interior, que por muitos séculos permaneceu invisível, mas, sobretudo, colonizar cada víscera, desvendar regiões cada vez mais profundas e menores: órgãos, tecidos, membranas, células, genes. Por intermédio de tomografias computadorizadas, ressonâncias magnéticas, videolaparoscopias, todo o interior tem de ser visualizado e, principalmente, manipulado. A biologia molecular, ao revelar a estrutura do DNA, torna possível manipular e modificar as menores e decisivas peças do nosso corpo, intervindo diretamente na informação genética que constitui a sua memória.

Nenhuma parte do organismo pode ficar mais na sombra. Ao se revirar o interior, tudo é convertido em imagens, todo o corpo é traduzido na aquisição de várias superfícies a serem modificadas de acordo com novos cânones de beleza, segundo a lógica do mercado, a força do capital global, científico, sexológico e turístico.

Para Denise, transformar e pavonear o corpo são hábitos comuns a várias culturas, nos mais diversos locais do planeta. Ele não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo. Essas práticas, antigas e contemporâneas, indicam que o corpo é um processo. É resultado sempre fugaz das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos. Ele pertence menos à natureza do que à história. É tendo em vista o seu caráter histórico que a autora, em *Corpos de Passagem*, dedica-se a fornecer diferentes pistas para a análise do corpo como objeto polifônico.

A idéia de “passagem”, ao longo do livro, assume diferentes sentidos. Pode ser marcada pelos deslocamentos acelerados dos corpos no cotidiano, pela celebrada valorização da rapidez, pela economia de esforços físicos, pelo rendimento máximo do prazer ou pela íntima relação entre pacientes e passageiros em hospitais e aeroportos, quando os corpos, em processos cirúrgicos ou em viagens, permanecem sob o comando de especialistas encarregados de pilotá-los.

Os *Corpos de Passagem* dominam veículos e técnicas de deslocamentos acelerados, mas também o encanto das reconfigurações anatômicas conquistadas em *spas*, clínicas, centros cirúrgicos e laboratórios. É preciso correr para se manter em forma, para desfrutar do poder inédito da transfiguração: passar o inverno bronzeado, exibir rostos renovados pela maquiagem ou por cirurgias plásticas, adquirir a aparência ideal para cada circunstância, a *performance* certa para cada acontecimento, uma versão física adequada para cada estação.

Os *Corpos de passagem* colocam em cena um novo estatuto corporal, o do fragmento, da mercadoria, do tráfico de órgãos, das informações genéticas, no qual as populações pobres servem de armazéns vivos para as populações ricas. Mais do que fornecer mão-de-obra, o corpo contemporâneo fornece matéria-prima a serviço do utilitarismo biotecnológico.

Os *Corpos de passagem* também são resultado da inseminação artificial, da proveta, da barriga de aluguel, do direito de reprodução sem prazer sexual, da clonagem. Os corpos analisados por Denise “passam” da fugacidade e da inconsistência, dos seres descartáveis, à construção de seres que desejam viver para sempre, que querem conquistar a eternidade.

Finalmente, os *Corpos de passagem* conflitam e confluem entre misérias e sutilezas. São seres e corpos que transitam entre a condição de desamparados, malnutridos e pobres; a de remediados sobrevivendo num cotidiano impiedoso; e a de protegidos, bem alimentados e ricos. Num mundo onde a publicidade anuncia o sentido da vida em meio à brutalidade do dever de felicidade, Denise propõe trocar a rudeza pela sutileza. A sutileza, ela escreve, é algo que se aprende, resulta de exercícios, de atenção ao que se passa entre os corpos. Esse aprendizado pode ser sedutoramente inserido no cotidiano de pobres e ricos, desde que haja estímulo para levar adiante tal atividade.

Para a autora, é na sutileza, na delicadeza, numa certa reverência diante dos enigmas da vida, nas singularidades que podemos continuar a encarar a vida como devir, e o corpo pode ser compartilhado com outros corpos e com o mundo que o rodeia. Porque se o homem não existe senão por meio das formas corporais pelas quais é posto no mundo, qualquer modificação nessas formas altera também a definição, sempre em construção, de sua humanidade.

Notas

* Professor de Estética do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Professor/orientador dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e em Educação – UFBA. Autor de *O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*, publicado pela Editora Unijuí, 2000.

¹ PÉTRY, Sabrina. “Pajé faz plástica para rejuvenescer”. *Folha de S. Paulo*, 23 abr. 2002, C3.